

Da embriagues.

Jamais, e em lugar algum, era facil a vida humana. Porque era sempre, e em todo lugar, vida em cultura. E a cultura e ambiente ambivalente: embora liber-te do condicionamento natural, passa a condicionar, ela propria, a existencia hu-mana. Por isto os homens procuravam sempre, e em todo lugar, escapar a tal dia-lectica da cultura para um "mundo melhor". Inventavam instrumentos que possibili-tem tal escape. Do ponto de vista da sociedade, tais instrumentos sao considera-dos "entorpecentes", porque paralizam a consciencia politica. Do ponto de vista do embriagado sao considerados "meios de salvacao", porque abrem caminho para fora da situacao cultural que provoca "Unbehagen", incomodo. Tal duplicidade dos instru-mentos da embriagues transparece pelo termo "droga": remedio e veneno.

Os entorpecentes espelham a estrutura da cultura na qual sao inventados. Os opiatos da China espelham o budismo: proporcionam "iluminacao" negativa. O Is-lam tolera o hachiche e proibe o alcool, a cultura ocidental faz o oposto: e que as duas culturas se espelham em tais entorpecentes. Caso tipico e o da cultura mexicana. Parece que os cogumelos, portanto o escape, e a meta dessa cultura. E por isso que nos fascina tanto atualmente.

A posicao ontologica dos entorpecentes e escorregadica. Sao meios para proporcionar vivencias imediatas. O embriagado vivencia, por intermedio do alco-ol, do acido ou da embriagues religiosa, a "unio mystica" com a realidade con-creta. Dissolve-se nela. Tal imediaticidade mediada e tida, pelo embriagado, como re-medio, mas para a visao externa, sobria, a situacao do inebriado se a-presenta de viscosidade repugnante. O que e "transe" para o inebriado, e con-torcao patologica, (a-"normal"), para a sociedade.

E caracteristico da nossa situacao, que os entorpecentes passam a ocupar um dos centros do interesse. E o e em dois sentidos: Tanto a discussao em torno do problema, quanto o problema ele mesmo caracterizam a atualidade.

A discussao e generalizada. Todos tem opiniao a respeito. Os "bem pensan-tes" condenam as drogas, por serem nocivas a "saude". Os "progressistas" esperam das novas drogas o que esperam da tecnica em geral: enriquecimento da experiencia e da fantasia. Os "bem informados" discutem a diferenca entre drogas duras e moles, e se baseiam sobre literatura de ciencia vulgarizada. Os "politicos" se aprovei-tam da discussao para fins nao confessados. Os "especialistas" iluminam a massa ignara. Os institutos publimentricos publicam estatisticas quanto ao consumo das drogas, e medem as oscilacoes da "opinia publica" a respeito. Os media personali-zam o problema e divulgam historias horripilantes. E, com total desprezo a tudo isto, os aparelhos produtores e distribuidores das drogas continuam a fornecer, de acordo com seus programas, os entorpecentes aos consumidores que para tanto foram programados. A discussao oferece portanto exemplo de como a politica vai sendo su-perada pela programacao, tal como no caso da discussao em torno das armas nuclea-res ou da crise da energia.

Quanto ao problema em si, ele se poe da seguinte maneira: sera, sim ou nao, o entorpecimento por drogas interessante para os aparelhos que nos programam?

Os aparelhos dispõem, desde já, de entorpecentes muito mais eficientes que os atualmente em uso. Podem injetar determinadas drogas na rede de águas, podem entorpecer-nos "subliminarmente" pela televisão, dispõem de pilulas "individualizadas" para entorpecer criminosos, super-dotados ou esportistas. A vantagem de programação em estado de embriagues e o funcionamento controlado. A desvantagem e o funcionamento rígido. A vantagem da programação em estado sóbrio e o funcionamento elástico. A desvantagem e a possibilidade de atritos. Mas há métodos que permitem minimizar os atritos: manipulação das consciências por ideologias, e treinamento por recompensa e castigo. Os aparelhos estão atualmente aprendendo quando é mais vantajoso recorrer a drogas, e quando programar sem elas. Estão aprendendo isto automaticamente, pelo feed-back que lhes oferece nosso comportamento. Tal comportamento nosso é automaticamente incorporado nos programas dos aparelhos.

Os aparelhos funcionam no sentido da des-politização da sociedade. E o fazem a partir de duas direções distintas. Da primeira substituem objetivamente ação por função, de maneira que a sociedade se torna conciente da inoperabilidade de toda ação política: a discussão em torno das drogas é prova disto. Da outra direção amortecem subjetivamente a consciência política da sociedade. Entre tais presas do alicate aparelhistico a vida política fica esmagada. O problema das drogas se põem do lado subjetivo do alicate. Ocupa posição jamais ocupada no passado.

As drogas são úteis para os aparelhos, porque des-politizam. Os embriagados são gente que recusa participar do diálogo público, e se retira para o espaço privado. Tomar drogas é gesto que afasta o espaço público. Não é gesto a-político, é anti-político. Não é que não participa das eleições, vota contra. O problema do uso generalizado das drogas é o da emigração de parte da população, a qual emigra da república e migra para o espaço privado. Pois tal atitude anti-política pode não convir aos aparelhos. Estes privatizam a república, ao lhe ocuparem o espaço. Aparelhos e drogas privatizam, ambos, mas o fazem de forma diferente. O problema é: como transformar o inebriado em funcionário?

O problema é agravado pelo fato do gesto de tomar drogas ser gesto público. É gesto de protesto. Nisto se assemelha ao suicídio. Aponta regiões no além dos aparelhos: é gesto transcendente. Por certo: é gesto inofensivo. A transcendência alcançada por drogas ou suicídios não permite que se volte contra os aparelhos. Mas não deixa de ser gesto escandaloso. Perturba o jogo dos aparelhos. Os inebriados e os suicidas são gente que não brincam mais. E pois preciso inverter o gesto do drogado, re-programa-lo, recupera-lo. O problema é técnico, e será portanto resolvido pelos aparelhos.

Por certo: tudo isto evoca a problemática da loucura e da arte. Este artigo não tratara da loucura, e propõe que ela apenas ressoe "sotto voce" em tudo que vai sendo dito. Mas não pode deixar de considerar a questão da arte, embora esquematicamente. A arte é entorpecente sui generis: embora privatize, inverte-se para politizar-se. É entorpecente, e como tal participa do caráter ontologicamente escorregadio que caracteriza todos os entorpecentes. A ambi-

valencia dos termos "artístico-artificial" e mostra. Isto é: a arte, como os demais entorpecentes, procura mediar com a experiência imediata. Ela é, como o são os demais entorpecentes, escape de uma vida intolerável na cultura. A celebre canção schubertiana "A música" o articula: "tu me afastastes rumo a um mundo melhor. Querida música, sou-lhe agradecido". Mas a arte não é mero escape. Embora vise a experiência concreta, visa também articulá-la. Visa dizer o inefável, transcodar a visão imediata em imagem. Trata-se de retirada do espaço público para o espaço privado, a qual se inverte dialecticamente, e passa a investir o espaço político para reformulá-lo. A arte é problema para os aparelhos, que não pode ser resolvido apenas tecnicamente. Ela abre fendas nos programas, e trata-se de tapar tais fendas. Os inebriados por arte são gente perigosa. Recuperá-los e transformá-los em funcionários é tarefa difícil.

A dificuldade está no fato dos aparelhos não poderem dispensar a arte. O inebriado pela arte se retira para o espaço privado para lançar de lá algo indispensável sobre a república: algo "novo". Isto pode ser interpretado de várias maneiras. O artista mergulha no ruído, e o lança sobre a república como informação nova. O artista tem vivência concreta, ("aistheton"), que articula na forma de um modelo. O artista é sonhador que transforma o sonho em símbolo. O artista é subjetivo e transforma sua subjetividade em inter-subjetividade. O artista diz o inefável, e torna audível o inaudito. Mas não importa como queiramos interpretar o gesto da arte: ela fornece a base concreta para os conhecimentos e os valores da cultura, e sem ela a cultura estagnaria.

Por certo: isto não implica a ideia romântica, segundo a qual a arte seria "criativa a partir do nada". A arte apenas articula o dado concreto vivenciado na solidão do privado, e o formula em obediência aos modelos já disponíveis à sociedade da qual o artista participa. Reformula os modelos. Em suma: a arte torna consciente o inconsciente, e é criativa, "poética", no sentido de "por de lá para cá". Mas isto não impede que haja algo de mágico na arte. É ela um meio para a experiência imediata, e para a mediatização do imediato. Trata-se, ontologicamente falando, de verdadeiro milagre. Cultura alguma pode dispensar tal magia.

Se os aparelhos tapassem as fendas abertas pela arte, cairiam em entropia. Poderiam apenas permutar as informações das quais já dispõem, e finalmente girariam em ponto morto. Precisam, como qualquer sistema, de fonte de informação nova. A embriaguez da arte lhes é indispensável. Para agravar o problema, note-se que tal embriaguez não é apenas vivenciada pelos ditos "artistas", mas é momento de toda atividade criadora. Os ditos "artistas" são invenção da idade moderna e não sobreviverão a ela. Mas a embriaguez artística caracteriza todo homem criativo, seja cientista ou técnico, filósofo ou programador de sistemas. O problema é o de recuperar tal momento criativo, e transformá-lo em função do aparelho. É precisamente isto que os aparelhos estão procurando fazer atualmente, e, embora o seu êxito seja admirável, não é total: de vez em quando algo lhes escapa e passa a agir contra eles, em vez de funcionar dentro deles. O momento artístico é problema ainda não resolvido aparelhisticamente. O totalitarismo ainda não se estabeleceu.